

Identidade e representação em pequenas histórias: o caso de imigrantes brasileiros

Mércia Santana Flannery (UPenn)

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar narrativas de discriminação não-canônicas, segundo o modelo laboviano, mas que se conformam ao que Georgakopoulou (2007) classifica como “pequenas histórias”. Dada a variedade de situações em que o discurso narrativo emerge, tal análise parte da premissa de que o alargamento da definição do que é uma narrativa proporciona inovações teóricas, fundamentais para a compreensão de interações que se renovam à medida que se renovam também os espaços interacionais. Analisamos pequenas histórias de discriminação contra imigrantes brasileiros, colhidas em um fórum de opinião *on line*, ao passo que salientamos como noções de identidade de grupo são linguisticamente construídas através de referências individuais e globais.

Palavras-chave: Discurso narrativo; pequenas histórias; identidade; representação de grupos; discriminação.

ABSTRACT: *The objective of this paper is to analyze non-canonical narratives of discrimination, according to the Labovian model, but that conform to what Georgakopoulou (2007) calls “small stories”. Given the variety of situations in which narrative discourse emerges, such an analysis is based upon the premise that the broadening of the definition of what is a narrative occasions fundamental theoretical innovations. Such an approach is indispensable to the understanding of interactional formats that are renewed on par with new interactional spaces. We analyze small stories of discrimination against Brazilian immigrants, collected in an opinion site, as we emphasize how notions of group identity are linguistically constructed through individual and global references.*

Keywords: *Narrative discourse; small stories; identity; group representation, discrimination.*

Introdução

A narrativa enquanto produto textual oral ou escrito tem sido o foco de várias abordagens analíticas. Podemos destacar, por exemplo, a antropologia (OCHS & CAPPS, 2001), a linguística (LABOV, 1972; SCHIFFRIN, 1996; 2000; 2002; 2007), a literatura (BAL, 1985), a psicologia (HARRÉ, 2001) e a medicina (CHARON, 1986), dentre algumas das áreas de estudo que têm recorrido à análise de histórias como um artifício para se conhecer melhor aspectos relativos à identidade dos autores, mas também de papéis interacionais, negociados durante a produção textual, a narração.

Por muito tempo, deu-se ênfase à produção escrita até chegarmos à contribuição de Labov (1972), que lançou o modelo narrativo considerado ortodoxo especialmente em estudos na área de sociolinguística. Não era incomum que estudos da narrativa fossem

iniciados com uma breve consideração do modelo laboviano, que previa na estrutura textual de uma história, elementos específicos correspondentes ao desenvolvimento dos eventos no universo narrativo. Apesar deste estudo ter sido fundamental para o desenvolvimento de uma gama de orientações teóricas para o entendimento da narrativa enquanto artefato linguístico rico em recursos de expressão subjetivo-interacionais, um variado número de críticas à ortodoxia da chamada narrativa laboviana emergiu desde a publicação do seminal trabalho de Labov em 1972.

Com maior atenção voltada para a interação e o contexto, questiona-se como melhor abordar o estudo de um tipo textual tão variado e ubíquo como a narrativa. A variedade de contextos em que se pode ouvir ou contar uma história é paralela à variedade de formas empregadas para narrar eventos. Em parte, é devido a essa complexidade que novas orientações para o estudo da narrativa são necessárias. Consideremos, por exemplo, as diversas configurações que o formato de uma narrativa tem assumido como consequência de formas de comunicação e interação relativamente novas, tais como as que são viabilizadas por novas tecnologias, mediadas pelo computador, e cuja velocidade e alcance são ditadas pela Internet. É essa plasticidade, proporcionada pela variedade de formas de comunicar e pela própria natureza transitória e inovadora da linguagem, que ditam a necessidade de ajustarmos nossas lentes de pesquisa, com o fim de buscar ferramentas adequadas para a investigação de fenômenos linguísticos como a narrativa.

Contar histórias faz parte de nossa própria vivência e experiência como seres humanos, como atores sociais, e nos respectivos papéis que assumimos ao longo de nossas existências. Há histórias que nos são contadas quando somos crianças e que embalam nosso sono à noite; há histórias que contamos ao chegarmos no, ou do trabalho, que explicam, ilustram ou exemplificam o que vivemos e que podem ser tão corriqueiras e lugares-comuns quanto as que descrevem episódios no trânsito, encontros inusitados, situações de humor, de tristeza, de alegria, de sucesso. A taxonomia narrativa ocuparia uma longa lista, que estaria sujeita a aumentar se incluíssemos também noções funcionais e listássemos os contextos de produção narrativos.

Se a mera consideração das seções constitutivas de uma história não são suficientes para dar conta do estudo da narrativa, precisamos voltar a atenção para elementos contextuais que contribuem para influenciar os modos de contar uma história e aquilo que contamos. De fato, com a evolução dos estudos na área de sociolinguística procurou-se dar mais ênfase ao papel da interação ao determinar a configuração de uma história, o que,

antes, assumia-se ser estabelecido *a priori*. Reconhecemos agora que o ponto de uma história pode ser negociado ao longo da interação na qual a narrativa se origina (GOODWIN, 1986). Também, visualiza-se a narrativa enquanto espaço linguístico no qual relações são criadas, representadas e contestadas, dessa forma, garantindo ao analista a possibilidade de examinar a construção de identidades locais (relativas a papéis intrínsecos à interação em si mesma, tais como quem pergunta e quem responde, e que posições são geradas desta forma); e globais (relativas a papéis reconhecidamente marcados pela estrutura social, da qual os participantes de um evento partilham, por exemplo, identidades nacionais, relações de gênero, papéis sociais tais como os de pai ou mãe). Soma-se a este interesse pela construção de identidades no âmbito da interação em que uma narrativa é gerada à identificação de novos tipos de histórias, antes não incluídos no cânone narrativo laboviano, incluindo projeções futuras e histórias hipotéticas (OCHS & CAPPS, 2001; GEORGAKOPOULOU, 2007).

Neste estudo, focalizaremos as narrativas coletadas em um fórum de opiniões sobre a notícia de que brasileiros são discriminados em Portugal, com o fim de investigar as representações de grupo empregadas pelos autores e respectivas identidades construídas no bojo destes relatos. Antes da análise, oferecemos, na seção 1, uma discussão sobre as propriedades do discurso narrativo e das pequenas histórias como espaço para o estudo das relações de identidade, à medida que comentamos o trabalho de outros pesquisadores; na seção 2, fornecemos o pano de fundo para a discussão das histórias sobre imigrantes brasileiros e, na seção 3, apresentamos a análise das pequenas histórias.

Identidades e pequenas histórias

Os estudos na área da análise da narrativa incluem diversas abordagens que consideram desde a perspectiva que o autor de uma história assume, dadas as especificidades do contexto, a como nós podemos acessar aspectos relativos à identidade do narrador e daqueles que fazem parte do universo narrativo. Schiffm (1996) declara que a narrativa oral supre “a sociolinguistic self-portrait”, que a autora considera “a linguistic lens” adequada para se focalizar aspectos pertinentes a como nós projetamos nossa identidade ativamente, ou, nas palavras de Goffman (1974) “by giving it off”, o que implica uma participação menos ativa nessa construção. Vários estudos têm analisado a construção da identidade em contexto, observando também como a relação entre os

envolvidos em uma situação comunicativa pode vir a influir no processo narrativo em si mesmo (BAMBERG, 1997).

Também, novas abordagens para o estudo da narrativa revelam como os autores expressam aspectos de sua identidade enquanto imigrantes ou membros de grupos étnicos marginalizados (DE FINA, 2003, 2006; FLANNERY, 2006; 2008), enquanto membros de classes sociais (SCHIFFRIN, 1996) ou ainda representando papéis socialmente enraizados na experiência humana, como as relações entre mãe e filha (SCHIFFRIN, 2000). Whortam (2001) discute como os autores de uma narrativa utilizam o espaço interacional onde esta emerge para representar os mesmos papéis de que as histórias tratam. Como o autor afirma, contar uma narrativa autobiográfica, por exemplo, pode “give the narrator an opportunity to redirect that life when the narrator tells a coherent story that foregrounds a certain perspective or direction.” (WORTHAM, 2001, p. 5)

Mais recentemente uma outra abordagem para o estudo do discurso narrativo destaca um novo modelo de histórias que, antes, sequer fariam parte do arcabouço textual do que considerava-se uma narrativa. Georgakopoulou (2007) destaca as “pequenas histórias” como locus apropriado para verificar as relações de identidade por longo tempo relegadas ao cânone da narrativa laboviana. A autora comenta de que forma a prevalência do modelo narrativo laboviano limitou as perspectivas analíticas deste tipo textual ao declarar que “[o]ne of the implications of this orthodoxy is that it has deterred analysts from the basic recognition that narrative, exactly like other types of discourse, is not a unified and homogeneous mode, but it presents generic variability and in turn structural variability”. (GEORGAKOPOULOU, 2007, p. 7)

A nova abordagem propõe, então, que incluam-se no estudo das narrativas textos menores, que não se caracterizam pela presença de todos os componentes indentificados no modelo laboviano mas que, ubíquas e dotadas de conteúdo narrativo, apresentam material consistente para se efetivar a análise da relações entre narrativa e identidade. De fato, tal abordagem responde de maneira mais eficaz ao tratamento do que poderíamos considerar como: 1) material antes despercebido por uma ortodoxia teórica que limitava o olhar do analista e que permeia grande parte de situações comunicativas; ou 2) como uma nova variedade de histórias que, em parte, pode ser resultante de novas contingências interacionais, influenciadas por novos veículos comunicativos e, conseqüentemente, novas formas de contar histórias.

De acordo com Georgakopoulou (2007), a análise das pequenas histórias alarga o diâmetro do espaço para a pesquisa da narrativa, pois permite-nos avançar para além das interações numa entrevista sociolinguística, as quais eram tidas como bem sucedidas se resultassem numa recapitulação de experiência pessoal, não compartilhada. Georgakopoulou vê em projeções e histórias hipotéticas material rico em expressões que permitem ao analista reconstruir noções da identidade dos falantes. A proposta da autora prevê que se considere: 1) que uma narrativa não pode ser isolada do ponto de entrada ou saída no contexto em que emerge; 2) que contribuições tanto da etnografia da comunicação como da análise da conversação são necessárias para melhor descrever a construção de identidade no âmbito de uma história (GEORGAKOPOULOU, 2007, p. 4, 5).

Esta definição de histórias, permitindo a inclusão de textos menores, é relevante para o nosso trabalho, à medida em que nos ajuda a identificar os dados empregados na análise. Antes de proceder a análise, porém, discutiremos algumas características do discurso do imigrante, particularmente relativo ao caso brasileiro.

Imigração, discurso e linguagem mediada

Como resultado de mudanças intensificadas por processos políticos e sociais, o final do século XX e o início do século XXI têm vivenciado um fluxo imigratório sem precedentes. Fatores econômicos, incertezas políticas e, em muitos casos, a violência ocasionada por guerras, têm motivado um grande número de indivíduos a emigrar. Costuma-se explicar a emigração brasileira em função da busca por alívio econômico, ditada pela dificuldade de encontrar empregos, ou pelo desejo de alcançar grandes rendimentos em um curto período de tempo. De acordo com o relatório do Serviço de Estrangeiros e de Fronteiras (SEF- Portugal), a comunidade brasileira representava, em 2007, o maior grupo de imigrantes em Portugal, com aproximadamente sessenta e seis mil residentes¹. Em outras estimativas, o número de imigrantes brasileiros em Portugal chega a mais de cem mil².

Em maio de 2009, a Agência de Direitos Fundamentais da União Europeia publicou o resultado de uma pesquisa conduzida junto a grupos minoritários em seus países membros. De acordo com a pesquisa, os brasileiros encontram-se entre os dez grupos que

¹ Disponível em http://www.sef.pt/documentos/56/RA%202007_.pdf#1

² Disponível em <http://opinioenoticia.com.br/internacional/europa/aumenta-numero-de-imigrantes-brasileiros-em-portugal/>

mais sofrem discriminação (24%) na União Europeia, em Portugal³. A notícia sobre esta pesquisa foi divulgada em meios de comunicação, através da Internet e, em alguns *sites*, promoveram-se fóruns para comentar os dados. Um desses fóruns registrou 212 comentários sobre a notícia, divulgada em 23 de maio de 2009⁴. O conteúdo dos comentários neste fórum inclui a exposição de opiniões sobre a discriminação e reações à notícia em forma de relatos pessoais de discriminação ou a justificativa de ações discriminatórias aos brasileiros. Neste estudo, investigaremos algumas pequenas histórias, relatadas no âmbito deste fórum, para ilustrar nossa discussão sobre como este formato narrativo pode ser útil ao evidenciar noções da construção da identidade dos participantes, além de como estes ali expõem afiliações a grupos.

Uma vez que em um fórum os participantes reagem a um tópico proposto anteriormente e têm a opção de expor opiniões sobre o comentário de um outro participante, podemos apontar, neste tipo de interação, características semelhantes a de uma conversação, salvo pelas limitações do meio comunicativo que restringem o acesso direto a outros participantes. Em fóruns de comunicação eletrônica, assim como em *sites* de mensagens instantâneas nos quais não se pode ver os participantes, dispomos apenas da produção escrita.

Além das próprias especificidades do contexto de produção, este tipo textual também apresenta características que se localizam na intersecção entre fala e escrita. Por exemplo, em textos produzidos em interações mediadas por computadores, tais como mensagens instantâneas, encontramos traços que reproduzem a linguagem oral, (simplificações, linguagem mais concreta e apoiada no contexto imediato), mas também elementos característicos da escrita, e, até mesmo de um novo código escrito, peculiar ao meio eletrônico, como por exemplo as simplificações gráficas e abreviações que, em certos casos substituem todo um sintagmal nominal ou frasal i.e., “vc”, “Pq vc naum xego na hr q eu t flei?”⁵ (ver gráfico 1). Pode-se afirmar também, com respeito à influência dos novos meios de comunicação, que há uma influência mútua, determinada pela retroalimentação de fala e escrita através dessa linguagem mediada pelo computador. Desta forma, se, em um momento, era a fala o que influenciava a linguagem mediada, esta também passa agora a influenciar a escrita. Note-se, por exemplo, a tendência em muitos textos acadêmicos produzidos por alunos acostumados com os novos meios de comunicação a não observar

³ Disponível em http://fra.europa.eu/fraWebsite/attachments/eumidis_mainreport_conference-edition_en_.pdf

⁴ Disponível em <http://noticias.terra.com.br/mundo/interna>

⁵ Extraído de: <http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=7224>

os sinais de pontuação ou o emprego de maiúsculas, característica observável em textos escritos de linguagem mediada. As propriedades de textos produzidos neste tipo de ambiente linguístico criam um espaço novo para a pesquisa linguística, inclusive para a análise de narrativas geradas no âmbito de discussões em que dar a opinião é uma função principal.

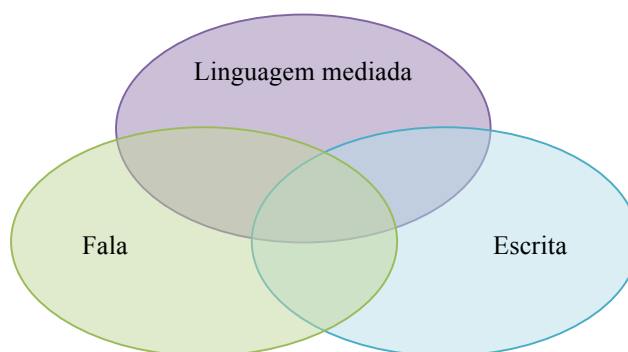


Gráfico 1: A linguagem mediada revela elementos de fala e escrita, além de suas próprias especificidades

Considerando a ubiquidade da narrativa e a variedade de funções que pode exercer em diferentes contextos, surge a questão de como as histórias produzidas no contexto de reação a um fórum de opinião auxiliam seus autores a criar relações significativas através da entextualização de eventos. Na próxima seção, analisaremos algumas das pequenas histórias que emergiram no fórum de opiniões sobre a discriminação de brasileiros em Portugal, e em outros países, com o fim de destacar de que forma noções de identidade e representação de grupos são elaboradas e através de quê recursos linguísticos. Com essa análise, esperamos contribuir com um novo olhar tanto sobre as pequenas histórias, enquanto *locus* meritório de novas investigações, como sobre a linguagem mediada, um novo formato de produção em um contexto de interação também relativamente novo. Apesar de nosso ponto de interesse ser nas histórias em si, é importante salientar as especificidades deste novo modo de comunicação, destacando seus méritos como espaço de pesquisa.

Representações sociais e identidades em pequenas histórias: três casos

A narrativa permite-nos observar relações de identidade principalmente devido ao fato de personagens serem animados e apresentados realizando ações, falando e lidando com outros personagens. A representação dessas relações no universo narrativo constitui um rico espaço para a análise de esquemas linguísticos que, por sua vez, podem ser

reveladores de pontos de vistas sobre os narradores e sobre outros personagens que habitam o universo narrativo. Como De Fina (2006, p. 374) comenta ao estudar a construção de identidade em histórias narradas por imigrantes ilegais nos Estados Unidos, o estudo detalhado dos recursos linguísticos empregados em uma narrativa pode levar-nos à apreensão de esquemas de representações de um grupo. No âmbito de uma história, há duas possíveis justificativas para se verificar essas relações: 1- devido ao fato de personagens serem representados em suas relações com outros, permite-se analisar a construção de identidade através das posições (BAMBERG, 1997) que são criadas à medida que ações são realizadas no universo narrativo; e 2- as representações lançadas no contexto de uma narrativa retomam noções globais e ideologias que identificam tipos de ações e tipos de pessoas (DE FINA, 2006).

A seguir, ilustraremos com a análise de três pequenas histórias, de que forma a construção de identidade se dá no contexto da discussão sobre discriminação de imigrantes brasileiros. Nós observaremos de que forma os recursos linguísticos empregados pelos autores e a regularidade destes contribuem para criar a identidade individual dos autores e dos brasileiros enquanto grupo⁶.

O primeiro excerto contém a história de uma participante identificada como “Professora”, que descreve sua experiência de discriminação em Mônaco. Aqui, observaremos como a construção da identidade da autora vai do particular ao global, à medida que ela relata a própria experiência e, posteriormente, relaciona-a a uma suposta atitude generalizada para com brasileiros.

Exemplo 1:

Professora

postado:

24/04/2009 - 09h38

Infelizmente meu namorado é Português. Em setembro de 2007 estive em Mônaco para encontrá-lo, pois ele vive lá. Fiquei na casa da irmã e do cunhado dele. Conheci também outro irmão dele e a cunhada também. É impressionante o descaso, a falta de respeito e de consideração que têm por nós. É uma pena que era somente eu contra todos. Mas eu penso que são invejosos e incapazes, uma vez vez que só pensam em dinheiro e em ‘sevirem’ aos patrões deles.

Este trecho constitui um exemplo do que Geogarkopoulou classifica como uma pequena história, que não se enquadra no modelo laboviano. Observamos que a história dispõe de uma seção de orientação, na qual a autora identifica os personagens, o evento, o

⁶ A linguagem original dos excertos foi mantida tal como no contexto onde aparecem, incluindo as abreviaturas, reduções, realizações ortográficas e gramaticais em desacordo com a norma de prestígio.

local e quando as ações ocorreram. Entretanto, notamos que, ao invés de longas sequências de ações de complicação, temos uma breve sequência de ações no passado, seguidas de uma implicatura: a declaração iniciada com “é impressionante o descaso” sugere que, nos encontros mencionados anteriormente pela autora, ações específicas levaram-na à conclusão de que os brasileiros, enquanto grupo, são desrespeitados. Como De Fina (2000) observa, as identificações realizadas na seção de orientação de uma história são relevantes para criar contextos e expectativas para o tipo de ação a ser narrado. Notamos neste exemplo que, ao iniciar o relato declarando que “infelizmente o meu namorado é português”, e identificar o espaço no qual os eventos se desenvolveram como “Mônaco”, a autora constrói um espaço em que figura só, o que acentua o caráter de animosidade a que ela alude ao declarar que “era uma pena que era somente eu contra todos”.

Notamos também que há várias informações que precisam ser reconstituídas pelo leitor do texto, o que é similar a interações orais, face-a-face, pois não sabemos exatamente contra o que posicionava-se a autora, uma vez que não há citações das falas do envolvidos no evento que ela descreve. Entretanto, na sequência, ela declara que “são invejosos” e que “só pensam no dinheiro”, o que sugere uma relação de animosidade entre ela – que no contexto passa a identificar-se como membro de um grupo, os brasileiros— e os outros personagens que ela listou no início do texto, os portugueses. As posições criadas partem do individual ao global, à medida que a autora se posiciona no universo do relato, em oposição ao namorado e aos cunhados, mas conclui com referências que sugerem uma oposição entre grupos nacionais, a brasileira e os portugueses.

Vejamos mais um exemplo no qual as representações construídas no universo do relato retomam temas globais de discriminação entre grupos. O exemplo seguinte contém o relato de um brasileiro na Itália e descreve ações discriminatórias que ele sofreu ao ser abordado pela polícia.

Exemplo 2:

jorge

postado:

24/04/2009 - 09h30

Como diz aquele ditado, brasileiro é tão bonzinho. Eu estive na Itália a pouco tempo, e fui parado na praça san giovane um espaço turístico, por um policial que me pediu os documentos, como sou brasileiro e moreno, tornou a me pedir a permissão de estadia no país, aí senti a discriminação. Fiquei pensando algum tempo, depois lembrei, que este mesmo povo quando passava muitas necessidades e fome no final do séc. 19, vieram para o Brasil, ganharam dinheiro nas lavouras de café, tiraram a remuneração desse mesmo trabalho, que deveria ser dos negros abolidos, que assim ficaram na miséria, e eles, depois de salários e terras voltaram ricos para a Itália esquecendo o passado, igualmente falo, dos portugueses e espanhóis que aqui viveram e enriqueceram.

Esta pequena história inicia-se com um “abstract”, que, na narrativa laboviana, supre uma indicação do que o relato vai tratar: a declaração “brasileiro é tão bonzinho” parece sugerir que os brasileiros não reagem à injustiça e permitem que se lhe tirem proveito. Na sequência, o narrador inclui uma série de ações no passado, enquanto narra sua experiência de discriminação na Itália, ao ser abordado pela polícia. Como Wodak (2007, p. 662) indica, referências, nominalizações e predicacções são alguns dos recursos empregados em práticas discursivas de inclusão e exclusão em contextos discriminatórios com o fim de caracterizar os atores sociais. De Fina (2006) também demonstra de que forma categorias como cor da pele e referências étnicas são, por vezes, empregadas para auxiliar na construção esquemática dos personagens e, de forma mais importante, nas representações de grupos. Essas representações, por sua vez, apontam para ideias globalmente aceitas sobre estes mesmos grupos, e seu emprego em uma narrativa pode auxiliar o narrador a confeccionar os personagens de uma história, ao mesmo tempo em que fornece direções indexicais sobre como interpretar os eventos. Notamos que a sequência imediatamente posterior às ações no passado consistem de orações de avaliação. O autor da narrativa atribui a insistência do policial em solicitar documentação em um espaço público ao fato de ser “brasileiro e moreno”. Esta caracterização do autor da narrativa enquanto personagem, ou, nos termos de Goffman (1981), figura do evento que relata, direciona a nossa interpretação do evento, pois a referência à cor da pele, para ser relevante, de acordo com a máxima Griceana, deve criar a expectativa de um possível conflito motivado pelas implicações desta mesma referência. Observamos ainda que, diferente de uma narrativa laboviana, esta pequena história não apresenta uma resolução, mas conclui com o relato de caráter epistêmico (“fiquei pensando algum tempo, depois lembrei que”), no qual o autor discute a imigração de europeus ao Brasil e a contrastante acolhida brasileira. Nesta sequência avaliativa, apresenta-se uma série de ações no passado, descrevendo a imigração italiana, que o narrador aplica em resumo também aos “portugueses e espanhóis”. A justaposição desses dois mini-eventos, um atual e relacionado ao indivíduo, autor e figura dos eventos, e o outro uma retrospectiva histórica e geral, como na narrativa anterior do exemplo 1, realiza a passagem do individual ao global, lançando mão de esquemas de representações que são conhecidos por aqueles que partilham do mesmo conhecimento de mundo do autor. Tem-se, então, como no primeiro exemplo, referências que identificam grupos. Neste último caso, porém, esta indentificação é representada por um conjunto de ações dirigidas a um e a outro grupo, respectivamente, o brasileiro e os europeus.

Vejamos mais uma pequena história no exemplo 3, em que representações de grupos partem do individual ao global, através das referências feitas pela autora do relato. Neste caso, a autora identifica-se como uma brasileira e relata sua experiência de discriminação na Alemanha.

Exemplo 3:

RÔ

postado:

24/04/2009 - 08h25

Realmente a maioria dos europeus são extremamente racistas. Morei em Berlim em 1995//96... como sou descendente de alemães, apenas pela minha fisionomia ninguém desconfiava que eu não fosse alemã, (desde que eu não demonstrasse isso através do meu fraco alemão na época). Compo meu marido não tem os mesmos traços, as senhoras de idade me olhavam como se questionassem: o que vc faz com um estrangeiro??? Qdo viajávamos pela Europa, (quase sempre de trem) ao retornarmos a Alemanha por vezes nos sentamos separados só para ver o que acontecia e em geral os controladores não me pediam o meu passaporte, mas nunca deixaram de pedir o do meu marido.

Outro fato que demonstra bem como os Europeus nos vêem foi um dia qdo abordada por um senhor alemão (eu ainda não falava nada em alemão apenas entendia ...) como não conseguia respondê-lo... falei que não falava alemão... ele insistiu...eu lembrei que sabia falar na língua dele que era brasileira...Pra que/???? o Homem saiu na enorme loja de departamentos rindo olhando de qdo em qdo pra mim e flanado: Brasileira???? hahahahaha....

Pra maioria deles Brasileiro que não é negro ou ao menos mulato e que não saiba sambar então... não existe....

Este relato apresenta elementos semelhantes aos dos exemplos 1 e 2. Notamos que a autora também inicia sua história com um “abstract”, afirmando que “a maioria dos europeus são racistas”. Em seguida, a narradora prossegue com uma pequena história pessoal, introduzida com uma orientação, na qual aponta onde e quando os eventos aconteceram. As referências à cor da pele dos personagens envolvidos nos eventos contribui, como nos exemplos anteriores, para criar expectativas relevantes para a interpretação do evento. Por exemplo, observamos o contraste que a autora cria entre si mesma – “descendente de alemães” e, portanto, não obviamente “o outro”—e o marido que “não tem os mesmos traços”. Neste caso, infere-se que há uma diferença entre cor e aparência determinadas pelo fato de os personagens serem, respectivamente, fisicamente semelhantes ao, e diferentes do que comumente se associa a um alemão. A significância deste contraste é elaborada pela autora com uma linha de diálogo construído (TANNEN, 1989), na qual ouvem-se as vozes coletivas de “senhoras de idade” questionando a relação entre uma suposta alemã e um estrangeiro. Esta linha apoia a interpretação da autora quanto à visível diferença de cor e traços físicos entre os personagens, informação que serve de pano de fundo para a sequência de eventos que é relatada a seguir.

A autora avança o relato com a narração de uma situação em um trem. Aqui, o contraste na atitude dos controladores para com os dois personagens ilustra o ponto fucral da estória: que os europeus tendem a tratar discriminatoriamente aqueles que são diferentes etnicamente. O emprego do imperfeito contribui para reforçar o entendimento desta atitude como corriqueira, já que contrasta-se “em geral os controladores não me pediam” com “mas nunca deixaram de pedir o do meu marido”.

Na sequência, a autora fornece mais uma estória para ‘demonstrar’ o seu ponto de vista, a razão pela qual conta as estórias que ela associa à percepção que os europeus têm dos brasileiros. Através do mini-relato, podemos observar a transição entre a identidade pessoal e a global, a medida que a autora parte de uma experiência pessoal para ilustrar uma atitude que considera generalizada dos europeus para com os brasileiros. Este segundo relato também abre com a orientação, na qual apontam-se os personagens envolvidos no desenvolvimento dos eventos. Neste caso, porém, a quebra da expectativa que justifica o contar da estória, sua “narrabilidade” (LABOV, 2001) jaz na aparente semelhança entre os personagens, pois não antecipa-se que entre aqueles que partilham das mesmas características haja razão para tratamento discriminatório (ver GOFFMAN, 1963).

No universo narrativo, a inabilidade da autora/figura de expressar-se em alemão suscita uma reação de descrença no seu interlocutor, que insiste e é então alertado para a nacionalidade da primeira. A discrepância entre a aparência da personagem e sua afirmação de que era “brasileira” levam, então, à reação do personagem alemão na pequena estória que, descrente (“Brasileira”?), ri. Como nos exemplos anteriores, a autora conclui com a sua avaliação, na forma de uma interpretação dos eventos, a saber, de que a imagem predominantemente aceita dos brasileiros é a de que são “negros” ou “mulatos” e que “sabem sambar”. Parte-se assim, mais uma vez, de uma experiência individual para o global através da avaliação dos eventos que a autora vivenciou e nos quais representa-se como figura.

Conclusão

A análise de três exemplos de pequenas estórias revelou consistência no emprego de alguns recursos linguísticos. Inicialmente, verificamos que os autores são também figuras nos relatos que narram. Também, observamos o uso de marcas identificadoras, ou referências de cor da pele ou étnicas, na orientação das narrativas, o que auxilia na criação de expectativas relevantes para a interpretação dos eventos que seguem. Em cada caso

analisado, os narradores partem de experiências individuais de discriminação em um país europeu e, ao avaliarem os eventos, interpretam essas ações como típicas das relações entre grupos: os brasileiro e os outros, europeus. Esse formato aponta para esquemas de representações que, por sua vez, referenciam atitudes globalmente aceitas, ou reconhecíveis, ao se explicar a discriminação.

Se, por muito tempo, privilegiaram-se as narrativas completas, que recapitulavam experiências pessoais de quase-morte, como ambiente linguístico adequado para a análise e compreensão de relações de identidade, agora, busca-se nas pequenas histórias, textos que podem dar conta tanto da complexidade de momentos interacionais nos quais o discurso narrativo aparece, como modos de comunicação que permeiam novas produções linguísticas. Essa nova abordagem representa uma contribuição metodológica aos estudos do discurso narrativo, na medida em que atentamos para o que Georgakopoulou (2007, p. 36-7) chama de “smallness of talk”, os momentos inconspícuos das interações do dia-a-dia, que de outro modo poderiam ser negligenciados por um olhar treinado para encontrar textos narrativos conforme o cânone.

A análise de pequenas histórias emergentes em fóruns de opinião *on line* também aponta para um novo espaço interacional cuja linguagem merece detida atenção. Com o avanço dos modos de interagir, patrocinados pela tecnologia moderna, surgem novas formas de narrar que potencialmente encerram novos modos de expressar noções de identidade. A necessidade de compreensão desta linguagem importa tanto quanto deve importar as formas de como o lidar com o outro têm se modificado em função de avanços tecnológicos. O fato de histórias aparecerem nestes contextos comprova o alcance do discurso narrativo enquanto modo privilegiado de relatar experiências, ou mesmo a expectativa de uma experiência, como a análise de situações hipotéticas exemplifica (ver FLANNERY, 2006, 2008; GEORGAKOPOULOU, 2007), e reforça a visão de que histórias são material linguístico potencialmente rico em referências sociais. O estudo deste tipo textual em suas variadas nuances oferece-nos a oportunidade de observar a construção de identidade, e permite-nos também um olhar sobre as influências de caráter social sobre os modos de apreender a realidade ao nosso redor. Desta forma, entender as histórias que contamos é também entender melhor o mundo no qual vivemos e as relações que os atores sociais entabulam uns com os outros. Em um mundo que tende cada vez mais a se entrelaçar devido, em parte, às influências da comunicação virtual, o modo de contar histórias pode ser uma importante fonte de dados para estudiosos interessados em

compreender de que forma a língua presta-se à exposição de modos de ser ou de conceptualizar quem somos.

Também, nosso estudo deteve-se na análise de como os autores de pequenas histórias representaram a própria experiência com o fim de criar um contexto no qual argumentavam sobre uma posição relativa às suas identidades e às do(s) outro(s). Os autores desses relatos representaram a si mesmos em contextos de encontros nos quais a diferença (marcada ou não, como no terceiro exemplo), salientada através de referências à cor da pele ou etnia, está no cerne da justificativa para ações discriminatórias. Essas experiências são empregadas no contexto da discussão maior do fórum para exemplificar atitudes de um grupo para com outro, ou, mais especificamente, dos europeus para com os brasileiros.

Tendo em vista que processos como a globalização tendem cada vez mais a criar contextos para a interação de grupos marcados por diferenças, é importante compreender como fenômenos linguísticos salientam aspectos destas relações. Assim, a construção linguística da identidade dos personagens em uma história de discriminação reflete também o arcabouço cultural maior no qual se inserem os envolvidos no evento comunicativo.

Referências bibliográficas

- BAL, Mieke. 1985. **Narratology**. Toronto: University of Toronto Press.
- BAMBERG, Michael G. W. 1997. Positioning between structure and performance. **Language and Society** 25: 167-203.
- CHARON, Rita 1986. "To render the lives of patients." **Literature and medicine** 5:58-74.
- DE FINA, Anna, 2006. Group identity, narrative and self representation. In: A. De Fina, D. Schiffrin and M. Bamberg (eds.). **Discourse and Identity**, 351-375. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. 2003. **Identity in narrative: a study of immigrant discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- _____. 2000. Orientation in immigrant narratives: the role of ethnicity in the identification of characters. **Discourse Studies** 2(2):131-157.
- FLANNERY, Mércia Santana. 2008. "She discriminated against her own race: voicing and identity in a story of discrimination." **Narrative Inquiry** 18(1):111-130.
- _____. 2006. **Stories of racial discrimination in Brazil: language, stigma and identity**. Doctoral Dissertation. Washington, DC: Georgetown University.
- GEORGAKOPOULOU, Alexandra. 2007. **Small Stories. Interactions and Identities**. Amsterdam/Philadelphia: Johns Benjamins.
- GOFFMAN, Ervin. 1981. **Forms of Talk**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

_____. 1974. **Frame Analysis**. An essay on the organization of experience. New York: Harper and Row.

_____. 1963. **Stigma**: Notes on the management of spoiled identity. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall

GOODWIN, Charles. 1986. Audience diversity, participation and interpretation. **Text** 6: 283-316.

HARRÉ, Rom. 2001. Narrative and metaphysics: singularities and multiplicities of self. In: Brockmeier, Jens and Donal Carbaugh (Eds.). **Narrative and Identity 1: studies in autobiography, self and culture**, Philadelphia and Amsterdam: Johns Benjamins. 59-73.

LABOV, William. 2001. Uncovering the event structure of narrative. Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics. Pp. 63- 83. Washington, DC: Georgetown University Press.

_____. 1972. The transformation of experience in narrative syntax. *Language and the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 354-396.

OCHS, Elinor and CAPPS, Lisa. 2001. **Living narrative: creating lives in everyday storytelling**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

SCHIFFRIN, Deborah. 2007. **In other words: variation in reference and narrative**. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. 2002. Mother and friends in a holocaust life story. **Language in Society** 31, 309-353.

_____. 2000. "Mother/daughter discourse in a holocaust oral history: "Because then you admit that you're guilty."" In: Bamberg, Michael and Allyssa McCabe, **Narrative Identity**. pp. 1-44.

_____. 1996. "Narrative as self-portrait: Sociolinguistic constructions of identity." **Language in Society** 25(2): 167-201.

TANNEN, Deborah. 1989. *Talking voices: repetition, dialogue and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press.

WODAK, Ruth. 2007. Discourse in European Union organizations: aspects of access, participation and inclusion. **Text and talk**, 27-5/6: 665-680.

WORTHAM, Stanton. 2001. **Narratives in action: a strategy for research and analysis**. New York and London: Teachers College, Columbia University.

Mércia Santana Flannery possui graduação e mestrado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (1995-2000), mestrado e doutorado em Linguística pela Georgetown University, Estados Unidos (2005). Atualmente é professora-adjunta da University of Pennsylvania, U.P., Estados Unidos. Áreas de interesse: sociolinguística e dialetologia. (merciaf@sas.upenn.edu)